



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Pesquisa com crianças em contextos escolares: Reflexões de duas pesquisadoras sobre dilemas éticos no fazer etnográfico.

Autoria: Mohana Ellen Brito Morais Cavalcante (PPGS/UFPB), Patrícia Oliveira S. dos Santos ? Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

O espaço escolar foi e continua sendo bastante explorado nas pesquisas com crianças, seja pela natureza do lugar, seja pela dinâmica do espaço que propicia uma aproximação efetiva das crianças. O fato é que ouvir as crianças e pesquisar em um ambiente no qual tanto o pesquisador quanto as crianças estão submetidas à constante vigilância e a regras de conduta, implica ao pesquisador alguns dilemas frente ao fazer etnográfico. A partir de duas experiências distintas de pesquisas com crianças, buscamos problematizar alguns dilemas éticos vivenciados por duas pesquisadoras da infância em contextos escolares. Objetivamos, sobretudo, problematizar o papel do pesquisador que trabalha com crianças em contextos escolares, as desconfianças que as autoridades da instituição lançam sobre ele, sobre sua postura e o método utilizado (desenhos, brincadeiras e observação participante), fazendo com que a pesquisa seja vista pelo corpo escolar, em algumas situações, mais como uma fiscalização educacional do que um interesse específico no que as crianças têm a dizer. Consideramos que na medida em que se desconfia do pesquisador, de alguma forma também se nega a agência da criança. Tomamos por base duas pesquisas com crianças em contexto escolares, uma na cidade de João Pessoa (PB) e outra na zona rural do pequeno município de Orobó (PE). A fundamentação teórica que guia esse work está relacionada aos Estudos Sociais da Infância que objetiva reconhecer e discutir a importância do protagonismo das crianças como sujeitos de/na pesquisa.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: